

Agrofloresta é produção

Ciranda da agrofloresta

Rabanete cria vagem.

Alface cria tomate

Todos juntos criam bananeira

Banana cria laranja, abacate, jaca e jatobá

*Todos juntos criam o cedro e o
entenário jacarandá*

Horta se transforma em pomar

Pomar vira floresta

Floresta vira...

Brincadeira de criança

Estória sem fim

Ou simplesmente vida?

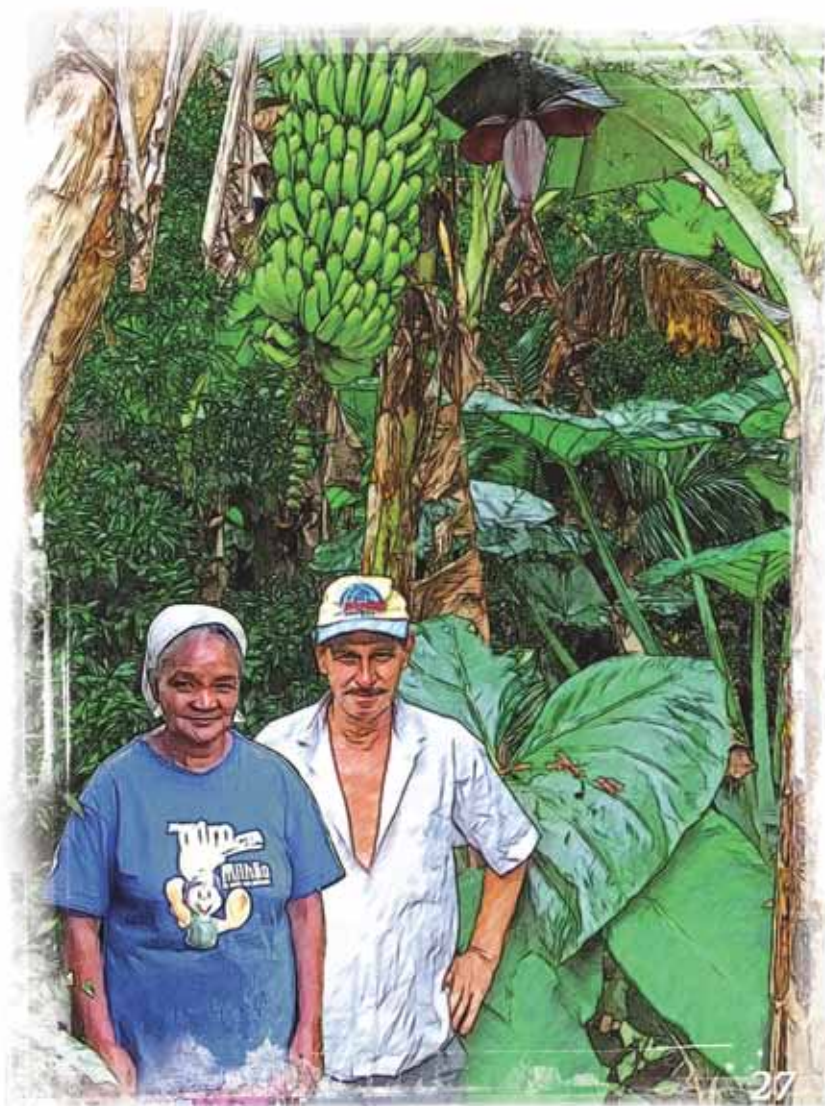
(Nelson Eduardo Correa Neto)


Reinaldo Batista Moreira, o "Nardo" criou-se no Quilombo Cedro. Antes, sua família residia na comunidade Areia Branca.

Já Maria, nasceu no Quilombo Terra Seca e Ribeirão Grande. Os dois se casaram em meados de 1970 e começaram a viver da agricultura no Bairro Ribeirão Grande. Lá, plantavam principalmente feijão e milho na forma de agricultura de coivara. Trabalhavam em cerca de 10 alqueires. Porém, a cada ano o esforço para produzir aumentava, mas a quantidade de produtos diminuía. Por volta do ano de 2000, trocaram o local onde viviam por um sítio bem menor, com cerca de 3 alqueires e entraram na Cooperafloresta. A partir de então, as coisas mudaram. Os 3 alqueires passaram a ficar "grande", graças ao manejo em forma de sistema agroflorestal que concilia capoeiras em diversos estágios com agroflorestas onde há mais intensidade de manejo.

Esta forma de agricultura mostra que produção e conservação podem não ser caminhos antagônicos. Também mostra que é possível aumentar a produção de uma área através da agrofloresta, como indicam as falas a seguir:

Família do
Nardo e da Maria
Comunidade Quilombola Terra Seca e
Ribeirão Grande, Barra do Turvo- SP



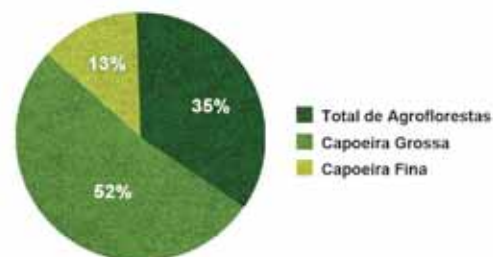
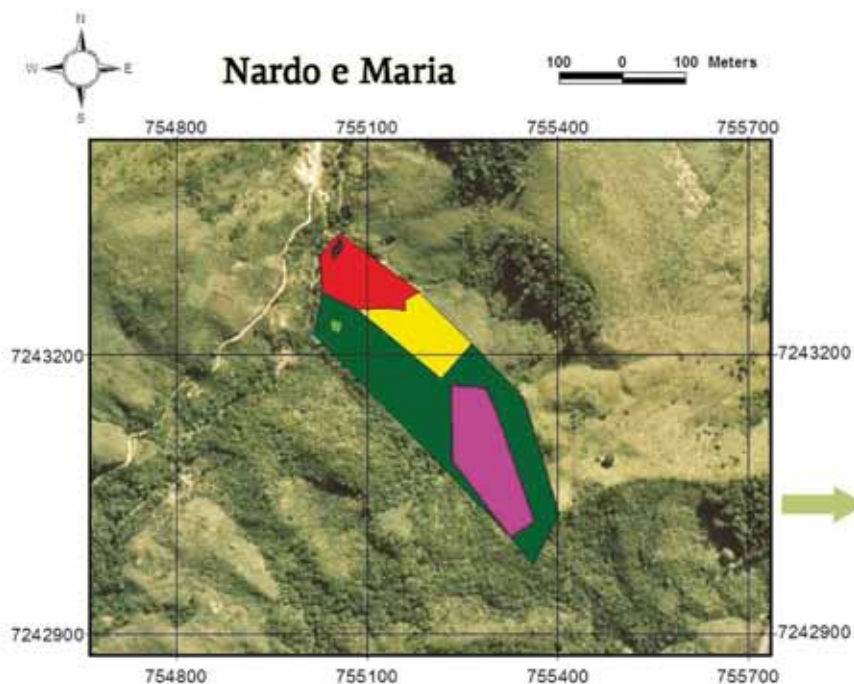
A vibrant agroforestry system featuring a variety of trees and crops. In the foreground, a man holds a large bunch of black coconuts, and a woman stands next to a bunch of yellow and green bananas. The background is filled with dense green foliage, including palm trees and citrus trees with orange fruit. The sky is bright blue with some clouds.

O pessoal não acredita que a gente tira tanta produção de um local cheio de árvores desse... (Nardo)

Eu gosto do serviço por que é um estilo de serviço que eu me adaptei. Eu tiro meus produtos e contribuo para o meio ambiente. (Nardo)

Depois que começamos na Agrofloresta, melhorou muita coisa... A gente tem mais comida, produção e vontade de trabalhar. (Mária)

Aqui não tinha planta nenhuma... A vida era sofrida aquele tempo... A gente fazia roça de queimada aquele tempo, mas a produção não era suficiente... A gente tinha que sair para trabalhar fora para completar o rancho. Hoje eu trabalho só no meu sítio... trabalho menos e ganho mais (Nardo)



Legenda do mapa

Estágio da vegetação de acordo com a visão do sujeito entrevistado	Área (ha)	Estágio sucessional das áreas de acordo com a Lei da Mata Atlântica
Agrofloresta de 2001	1,7	Est. Inicial de Regeneração
Agrofloresta de 2006	1,09	Est. Inicial de Regeneração
Capoeira Grossa	4,16	Est. Inicial de Regeneração
Capoeira Fina	1,05	Est. Médio de Regeneração
Total	8,03	

A Agrofloresta foi avaliada com dez anos de idade e foi implantada numa área onde anteriormente usou-se a agricultura de coivara com feijão, milho e mandioca. Com o passar dos anos, como a área não produzia o suficiente, passou-se a trabalhar com pastagem de braquiária. Há 10 anos foi realizado um grande esforço de plantio agroflorestal nesta área. Do conjunto total de indivíduos da agrofloresta, 80,2 % foram plantados. Foram identificadas 66 espécies arbustivas ou arbóreas, que ocorrem em uma densidade de 8.580 indivíduos/ha. 30,2 % dos indivíduos são de espécies nativas do Bioma Mata Atlântica. Estimou-se o estoque de carbono na biomassa aérea em 21,61 Mg C/ha e uma taxa de incremento de 2,16 Mg C/ha/ano.

Um novo jeito de se relacionar com o mercado

Família Maciel
Claudinei e Lindacir
Três Canais, Adrianópolis - PR

“A agroecologia do campo e a agroecologia de toda a vida da gente precisa de estruturas comunitárias mais sólidas. É preciso irmos na contramão da sociedade individualista neoliberal e criarmos novas relações de pertença comunitária que sejam leves, atuais e possam ser referência para o mundo de hoje, principalmente a juventude. Nessas bases comunitárias, recriar uma economia de reciprocidade, de serviço à vida e não à acumulação ou ao consumo. Devemos também recriar estruturas políticas mais humanizadas e horizontais.” (Ricardo de Barros)

“Comecei em 2000 com uma areazinha de agrofloresta. Logo me pediram para ajudar na feira em Curitiba. Em poucos meses eu já coordenava a comercialização da Cooperafloresta, tentando criar canais de mercado, porque não tinha como vender. Partimos para experiências como sacolões, mercadinhos, feira na praça, mas mesmo assim era difícil. Em 2004, começamos a trabalhar com o PAA, quando já melhoramos muito e conseguimos dar um grande salto.

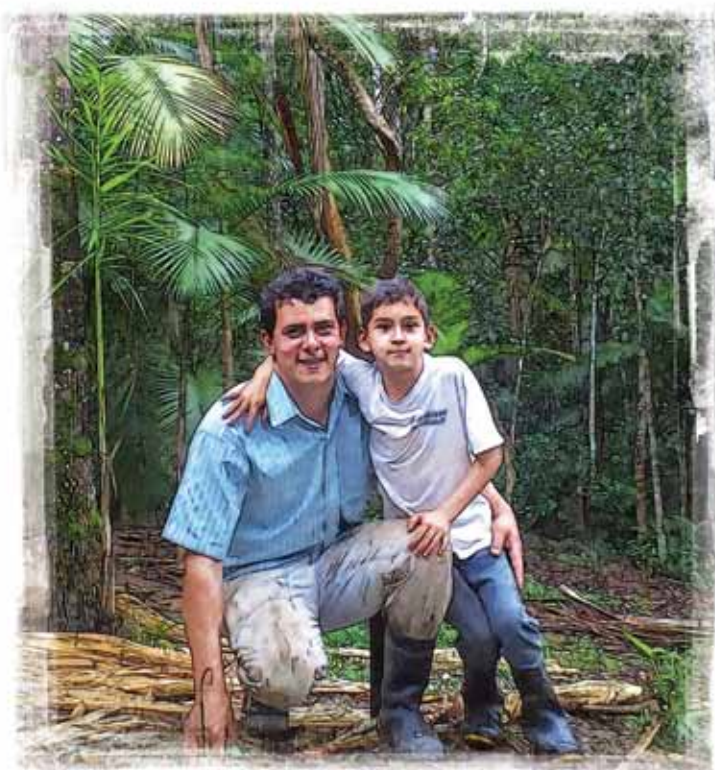
Também fomos trabalhando em projetos, formação, capacitação, novos grupos iniciando. Teve aumento na quantidade de famílias, produtos, estrutura. De 2004 a 2008, fui presidente da Cooperafloresta. Sempre fazendo contatos em nível de Coopera, de organização do município, com entidades como o Sintravale, quilombos, construindo outras organizações, contatos com organizações de fora, Conab e outros órgãos públicos de diferentes esferas de governo. Uma necessidade para poder trabalhar direito com a comercialização e a produção.

Isso também acaba sendo atuação política. Acabei me envolvendo com a atuação e organização partidária, me filiei no Partido dos Trabalhadores, a partir do convite de companheiros, me candidatei, fui eleito vereador e agora reeleito.

Na briga disso tudo para se implantar as agroflorestas, desde 95/96, nosso atual prefeito esteve atuante como presidente do Sintravale, hoje trabalho como seu secretário de gabinete. Em 2001, fazíamos feira com o Walter Bianchini que se tornou Secretário Nacional da Agricultura Familiar e recentemente visitou Barra do Turvo, entusiasmado com o que está acontecendo por aqui.

E a luta continua! Muita coisa pode ser feita no sentido de uma prefeitura apoiar um movimento social como esse, podendo contribuir na difusão da agrofloresta para outras famílias e outras regiões; em ações

ações como transporte e comercialização (todo pessoal que produz deve ter acesso à estrada), aquisição de equipamentos, parceria em projetos e muito mais. Existe um grande potencial a ser explorado e com certeza será, contando com o que já foi construído e os fortes relacionamentos que estabelecemos.”



A forma de agricultura que a gente vive hoje, que é a agroecologia e agrofloresta, não é um espaço de competição, é um somatório. A gente está plantando para poder somar. É preciso fazer um trabalho forte com os jovens e crianças para dar continuidade. (Claudinei)

“Nosso processo de organização sempre teve este foco na agrofloresta e no desenvolvimento do conhecimento sobre a natureza que nossas famílias tinham. A cada dia vamos acreditando mais e isto vem acontecendo através do conhecimento local, da forma participativa de nossa organização, de um estimular e cobrar os outros... Isto também varia de agricultor pra agricultor, que cada dia, vem, dentro de si mesmo, buscando o próprio crescimento. Cada vez melhorando e criando coisas diferentes e desta maneira contribuindo com a construção de um mundo cultural, social, ambiental e economicamente sustentável.” (Claudinei)

“Hoje eu não acredito em outra forma de agricultura, senão a agrofloresta. Eu não consigo ver outro meio para poder desenvolver as famílias, para produzir alimentos para seu consumo, alimento para o mundo, e fazer um trabalho que consiga melhorar a qualidade de vida em vários caminhos, o trabalho social, o cultura, o ambiente.” (Claudinei)

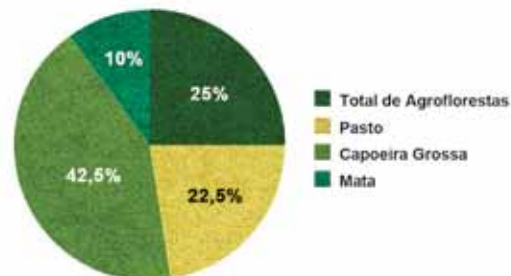
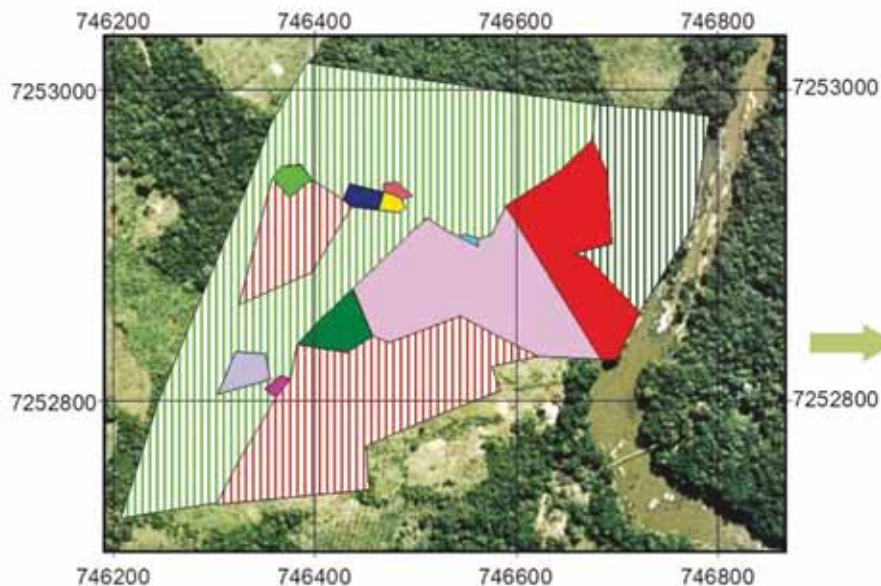
A estrutura da comercialização atrai. Os agricultores da região não tem onde vender. Quando tem onde vender, as pessoas produzem mais, diversificam e também melhora a qualidade da alimentação da família (Claudinei)





Família do Claudinei e Lindacir

100 0 100 Meters



Legenda do mapa

Estágio da vegetação de acordo com a visão do sujeito entrevistado	Área (ha)	Estágio sucessional das áreas de acordo com a Lei da Mata Atlântica
Agrofloresta de 2007	1,30	Est. Inicial de Regeneração
Agrofloresta de 2007	2,01	Est. Inicial de Regeneração
Agrofloresta de 2001	0,04	Est. Inicial de Regeneração
Agrofloresta de 2005	0,07	Est. Inicial de Regeneração
Agrofloresta de 2004	0,08	Est. Inicial de Regeneração
Agrofloresta de 2011	0,26	Est. Inicial de Regeneração
Agrofloresta de 2011	0,03	Est. Inicial de Regeneração
Agrofloresta de 2009	0,14	Est. Inicial de Regeneração
Pasto	3,47	Est. Inicial de Regeneração
Capoeira Grossa	6,73	Est. Médio de Regeneração
Mata	1,63	Est. Avançado de Regeneração
Total	15,76	

Na Agrofloresta avaliada iniciou-se o manejo por volta de 2001. Neste período, o uso do solo era capim braquiária. Para implantação do sistema o capim foi colocado em leiras e plantadas hortaliças como pepino, jiló, abobrinha, tomatinho. À medida que foram sendo disponibilizadas mudas e sementes o sistema foi completado. Foram identificadas 34 espécies arbustivas ou arbóreas nesta agrofloresta. 87,3 % dos indivíduos atualmente na agrofloresta foram plantados. Foi estimada a densidade em 7567 plantas/ha. O estoque de carbono na biomassa aérea foi estimado em 15,44 Mg C/ha, sendo a taxa de incremento de 1,41 Mg C/ha/ano.

Agrofloresta pra mim é tudo, é ser feliz

*“Renova-te,
Renasce em ti mesmo.
Multiplica os teus olhos
para verem mais,
Multiplica os teus braços
para semeares tudo.*

*Destrói os olhos que tiverem visto,
Cria outros para as visões novas,
Destrói os braços
que tiverem semeado,
Para se esquecerem de colher.
Sê sempre o mesmo*

*Sempre outro
Mas sempre alto
Sempre longe
E dentro de tudo”
(Cecília Meireles)*

No Quilombo Terra Seca e Ribeirão Grande, reside a Família Santos. A matriarca, a Senhora Maria Aparecida é neta de um dos fundadores do Quilombo, Benedito Rodrigues de Paula. Sempre morou na comunidade, onde casou e teve os filhos. Conhece plantas medicinais como ninguém, basta um pequeno passeio em sua agrofloresta, para que as mãos voltem cheias de folhas, curas e histórias.

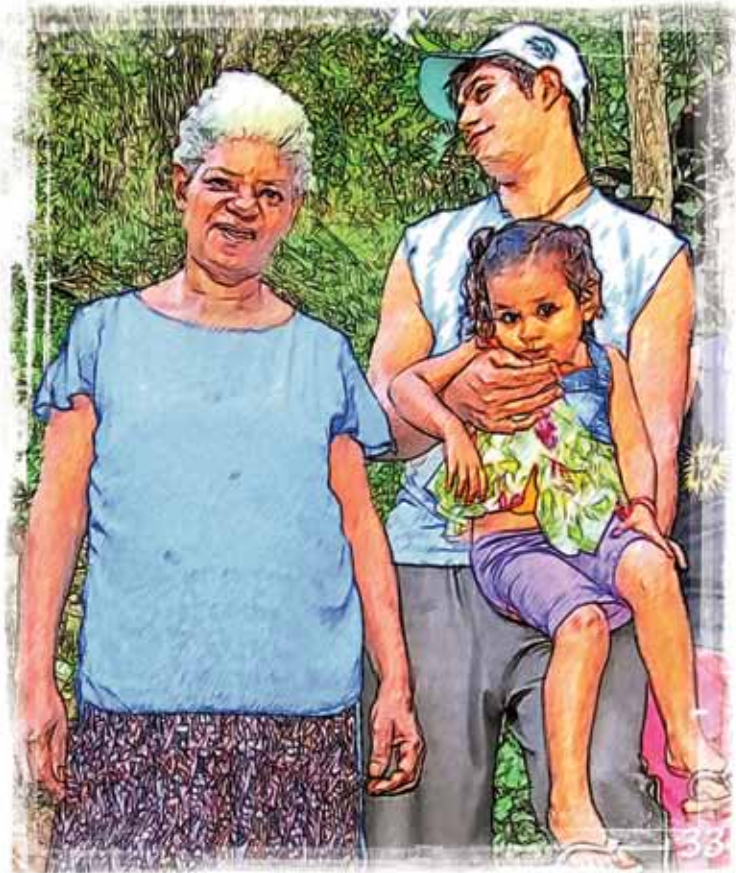
Antigamente, sua família queimava uma pequena área plantava milho, feijão, mandioca durante um ou dois anos. Deixava o local descansando e utilizava outra pequena área. Como havia bastante terra, esse sistema permitia sempre se cultivar em “terra boa”, além de deixar essencialmente a paisagem com um perfil florestal.

Porém, com o passar dos anos, sua família tem seu espaço de trabalho reduzido, inviabilizando o manejo de roçar, queimar, plantar e descansar, deixando a cada ano o solo mais frágil e a produção mais escassa.

Nesse tempo os sorrisos eram mais raros. Até que em meados do ano 2000, Maria Aparecida conhece o Nelson Corrêa Netto falando de agrofloresta e entra na Cooperafloresta.

Desde então, a cada dia seu solo fica mais rico, há mais variedade de espécies em seu sistema agroflorestal, logo, mais produção, comida na mesa e felicidade, como mostram os sorrisos e falas a seguir.

Família Santos
Comunidade Quilombola Terra Seca e
Ribeirão Grande, Barra do Turvo- SP



*Agrofloresta é Cooperação com a Natureza.
(Gilson Santos)*

*Nosso trabalho transforma o mundo num local
melhor... Tanto da vida da gente que faz, como de quem
consome nossos produtos. (Rafael Santos)*

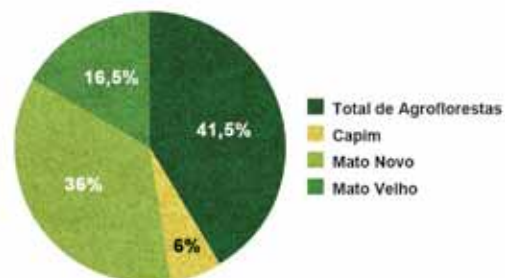
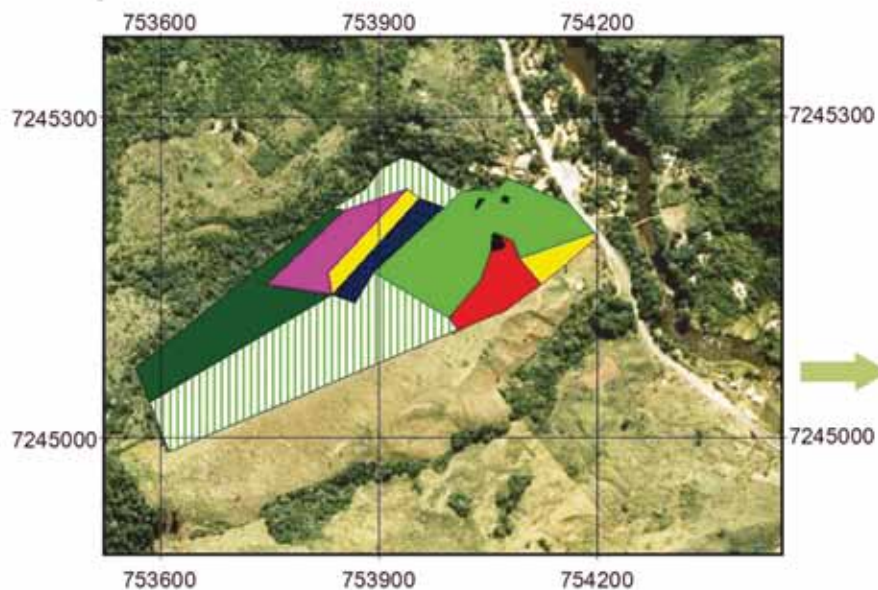
*Agrofloresta é viver em paz com
a Natureza... (Vanilda Aparecida Santos)*





Família Santos

100 0 100 Meters



Legenda do mapa

Estágio da vegetação de acordo com a visão do sujeito entrevistado	Área (ha)	Estágio sucessional das áreas de acordo com a Lei da Mata Atlântica
Agrofloresta de 1999	0,69	Est. Inicial de Reg.
Agrofloresta de 1998	2,74	Est. Inicial de Reg.
Agrofloresta de 2009	0,48	Est. Inicial de Reg.
Agrofloresta de 2006	0,81	Est. Inicial de Reg.
Capim	0,66	Est. Inicial de Reg.
Mato Novo	4,09	Est. Inicial de Regeneração
Mato Velho	1,89	Est. Avançado de Regeneração
Total	11,36	

A Agrofloresta que foi analisada situa-se numa área cujo manejo iniciou há aproximadamente 14 anos. Há 6 anos, foram plantadas várias espécies arbóreas na área, por semente, após o corte das árvores do manejo anterior. Esta agrofloresta apresenta um estoque de carbono na biomassa aérea de 21,47 Mg C/ha, sendo a taxa de incremento anual de 3,58 Mg C/ha/ano. 74,1 % dos indivíduos da área foram plantados, sendo o restante proveniente de regeneração natural. Do conjunto total de indivíduos, 38,5 % são de espécies nativas. Foram identificadas 42 espécies arbustivas ou arbóreas, em uma densidade média de 7.420 plantas/ha.

Agrofloresta: exercício da espiritualidade

Família do
Benedito Moura (Ditão)
Comunidade Quilombola Cedro,
Barra do Turvo- SP


“A espiritualidade vive da gratuidade e da disponibilidade, vive da capacidade de enternecimento e de compaixão, vive da honradez em face da realidade e da escuta da mensagem que vem permanentemente desta realidade. Quebra a relação de posse das coisas para estabelecer uma relação de comunhão com as coisas. Mais do que usar, contempla.

Há dentro de nós uma chama sagrada coberta pelas cinzas do consumismo, da busca de bens materiais, de uma vida distraída das coisas essenciais. É preciso remover tais cinzas e despertar a chama sagrada. Então irradiaremos. Seremos como um sol.” (Leonardo Boff)

Benedito de Moura é neto de Pacífico Morato de Lima, fundador do Quilombo Cedro. Um exímio pensador e liderança ativa. Além das atividades do Conselho da Cooperafloresta, participa das reuniões da Igreja Católica de seu bairro, é presidente da Associação de Remanescente de Quilombo do Cedro, entre outras instâncias.

Seja escutando suas falas nestes espaços, seja trocando dois dedos de prosa com ele em sua varanda, é latente a ligação entre agrofloresta e Deus, como as palavras iluminadas que seguem...





Pra mim natureza é a vida. Quando existe natureza desequilibrada a vida não acontece. Mas quando a natureza é bem cuidada e controlada, existe vida. Tanto faz do ser humano ou da própria natureza. As plantas, os animais a água, a chuva [...]. E a gente sabe muito bem que quando Deus fez o mundo ele fez bem feito. Nós que pela nossa ganância destruímos a criação de Deus. Mas se todo o homem colocar a mão na consciência e sobreviver com a natureza e sobreviver dela conforme é o acordo que Deus fez não falta nada nesse mundo, nesse país que nós vivemos. O homem vai viver, os animais vão viver e Deus sempre vai ficar a favor de nossa presença...



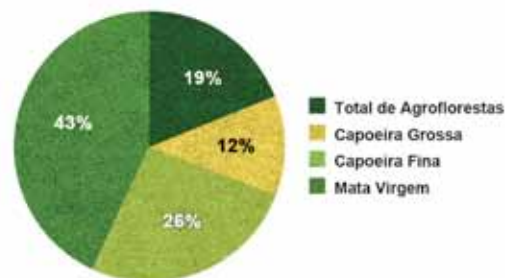
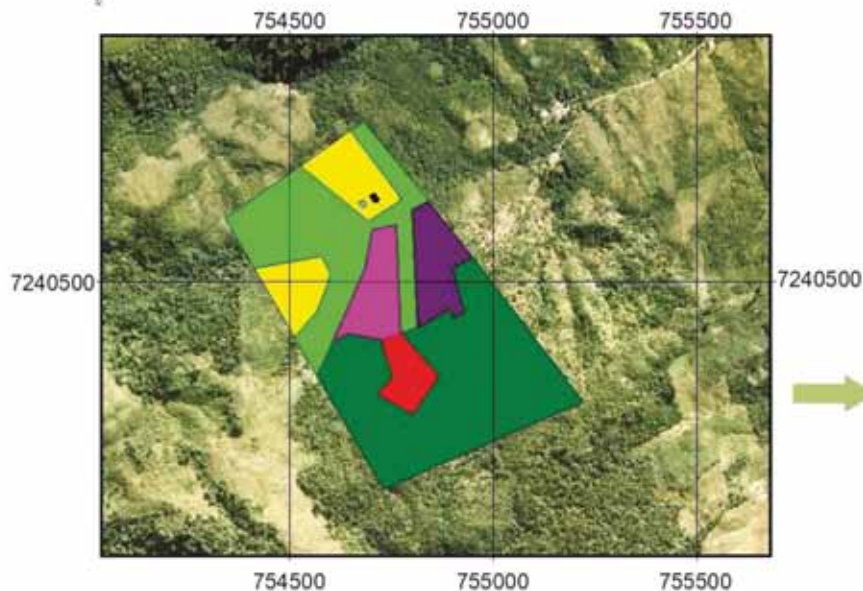
Tem gente que pode passar aí na frente e falar que aqui tem um bando de vagabundo. Mas eles não vê que a gente tá refazendo as coisas. Melhorando a terra, colocando mais planta, árvore e tirando nosso sustento. Por que esse nosso planeta tá precisando da gente pra tomar conta dele... (Ditão)

Quando a natureza é bem cuidada e controlada, existe vida. Tanto faz do ser humano ou da própria natureza. As plantas, os animais a água, a chuva... E a gente sabe muito bem que quando Deus fez o mundo Ele fez bem feito. (Ditão)



Família do Ditão

100 0 100 Meters



Legenda do mapa

Estádio da vegetação de acordo com a visão do sujeito entrevistado	Área (ha)	Estádio sucessional das áreas de acordo com a Lei da Mata Atlântica
Agrofloresta de 1998	2.74	Est. Inicial de Regeneração
Agrofloresta de 2005	1.67	Est. Inicial de Regeneração
Agrofloresta de 2006	2.83	Est. Inicial de Regeneração
Capim	4.7	Est. Inicial de Regeneração
Capoeira	9.99	Est. Médio de Regeneração
Capoeira Grossa	16.37	Est. Avançado de Regeneração
Total	38.3	

A Agrofloresta foi avaliada com 8 anos de idade, sendo que esta área no ano de 2003 era cultivada com arroz, milho, abóbora e feijão, sendo que o solo era manejado principalmente com o uso da enxada. A partir de então, cessou a capina e junto com os cultivos citados foram adicionadas outras espécies de ciclo curto como pepino, mandioca e inhame, entre outras. Também se plantou e se planta banana, abacate, juçara, pupunha, limão, cedro e outras espécies de árvores, de acordo com a disponibilidade de mudas. Apenas 35,7 % dos indivíduos foram plantados, sendo o restante proveniente de regeneração natural. A densidade foi estimada em 6.260 indivíduos/ha. Foram identificadas 34 espécies arbustivas ou arbóreas nesta agrofloresta. O estoque de carbono na biomassa aérea foi estimado em 15,86 Mg C/ha, sendo a taxa de incremento de 1,98 Mg C/ha/ano.

Aqui se Cura, se emociona e se Constrói um Novo Mundo

Zé, Damião, Maria,
Pedro e Maria de Lurdes
Córrego do Franco, Adrianópolis-PR

"Tem uma verdade que carece de aprender, do encoberto, e que ninguém não ensina: o beco para a liberdade se fazer. Sou um homem ignorante. Mas me diga o senhor: a vida não é cousa terrível? (...) O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer é coragem."
(Guimarães Rosa, em Grande Sertão: Veredas)

No alto da montanha, vivem Pedro, Maria de Lurdes, Damião, Zé e Maria. Esta montanha está situada no bairro Córrego do Franco. De lá, as gentes se curam, se emocionam e constroem um novo mundo... Como Maria de Lurdes conta...

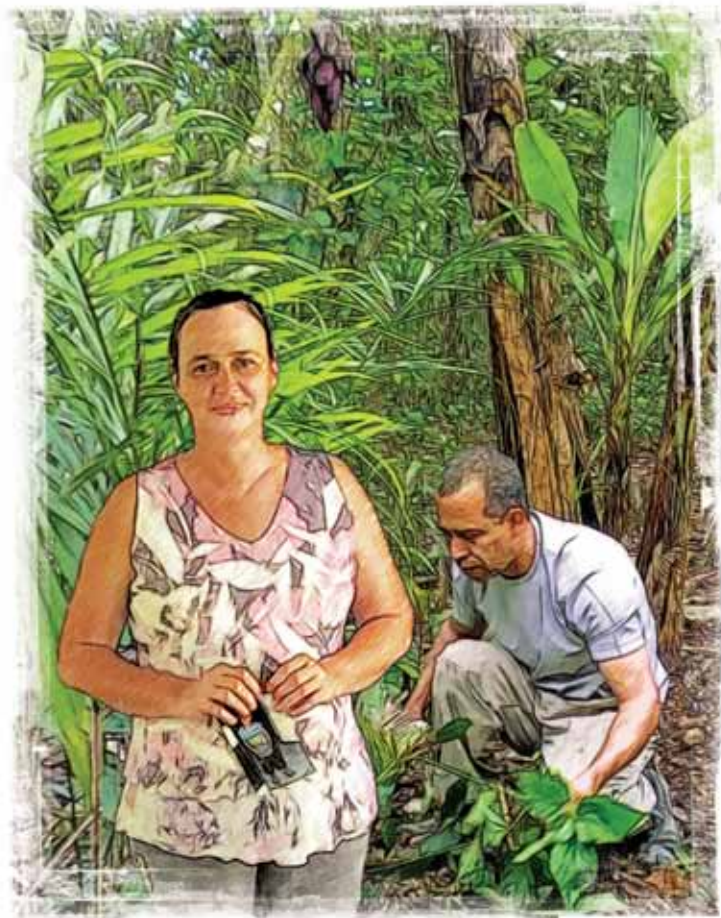
"Quando eu fico embaixo de uma agrofloresta eu sinto uma emoção de você chegar e ver a plantinha onde não tinha nada! Então é uma emoção assim, inacreditável! Às vezes eu fico até emocionada de correr lágrimas, só de pensar que a gente tá num lugar desses, num serviço desses. Essa emoção é por que estou ajudando a planta e ela tá me ajudando também a viver melhor, feliz! Sem ter medo do futuro! Isso que importa. Viver num lugar fazendo o que gosta e recebendo um troco pelas coisas boas."

Já seu José Moreira, o famoso seu Zé, lembra do dia onde descobriu que iria trabalhar com agrofloresta para o resto da vida

"Teve dias, épocas, que eu tava com depressão, meio esquisito. Parece que tudo tava, sei lá, meio desorganizado por dentro de mim. Aí eu chegava em um pé de palmito que eu tinha plantado e uns três anos depois ver aquele negócio tão bonito. Encostei nele e daquele dia pra cá nunca mais tive aquele problema de depressão, de ficar meio pra baixo, eu sinto bem e graças a Deus eu to trabalhando até hoje e está bom, tá ótimo! Eu acho que depois desse dia eu tive certeza que vou fazer agrofloresta pro resto da vida, porque eu me entreguei para a juçara e ela se entregou para mim!"

E vem o Pedro e diz...

"Tem muita gente falando que o mundo está acabando. Outros dizem que o mundo está recomeçando. Eu prefiro ficar no lado dos que acreditam que o mundo tá recomeçando! Por isso falo de agrofloresta. Por que é a única coisa que vi que pode dar certo..."

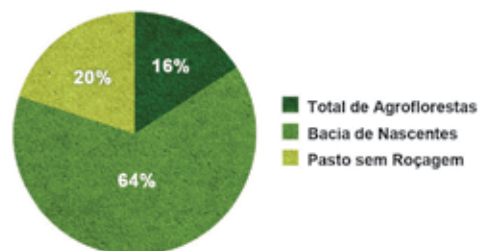
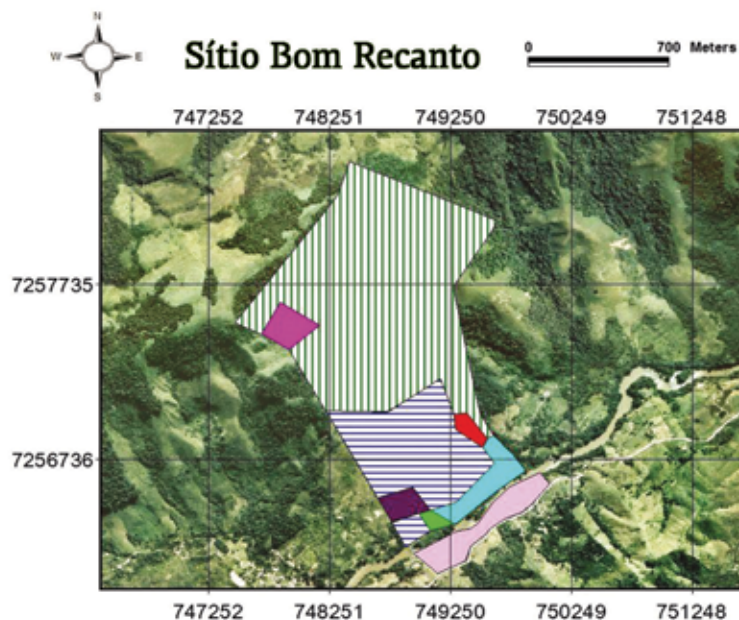


“Cada pessoa vai ter uma forma de fazer e ainda que seja numa mesma direção ninguém vai fazer igual. A agrofloresta de cada um vai ser uma marca pessoal. Nem a gente faz uma agrofloresta igual a outra. Eu acho que o estado de espírito das pessoas também interfere nisto. Talvez até a própria fé que a gente tem na vida.” (Pedro)

Antes eu não era ninguém! Uma pessoa sem era nem beira. Não sabia nem onde ia nem onde ficava! Desde que eu cheguei aqui, há dois anos atrás, mudou tudo na minha vida. Agora eu sou Maria, Maria das plantas!”

“Passamos por tudo isso e hoje eu colho os frutos. Eu digo não só os frutos, que as pessoas podem medir, que se possa vender, mas os frutos que dou mais valor, a satisfação interior de ver uma coisa tão bonita florindo e que a gente faz parte efetiva desse processo. Eu tenho colhido muitas coisas e eu diria que através desse trabalho eu tenho tido os melhores amigos, tudo tem sido bom para mim. Então eu sou grato à existência por ter me dado a oportunidade de participar de uma coisa tão maravilhosa.” (Pedro)





Legenda do mapa

Estágio da vegetação de acordo com a visão do sujeito entrevistado	Área (ha)	Estágio sucessional das áreas de acordo com a Lei da Mata Atlântica
Agrofloresta de 2000	8.68	Est. Inicial de Regeneração
Agrofloresta de 2012	0.97	Est. Inicial de Regeneração
Agrofloresta de 1995	6.38	Est. Médio de Regeneração
Agrofloresta de 1998	1.54	Est. Inicial de Regeneração
Agrofloresta de 2001	3.87	Est. Inicial de Regeneração
Agrofloresta 2000	2.76	Est. Inicial de Regeneração
Pastagem sem Roçagem	32.47	Est. Inicial de Regeneração
Bacia de Nascentes	101.23	Est. Inicial e Médio de Regeneração
Total	157.90	

A primeira Agrofloresta pesquisada estava com 10 anos de idade e antes da implantação ficou em repouso durante 2 anos, pois o solo estava com baixa fertilidade em virtude de duas queimadas anuais para o plantio de arroz, milho e feijão. Na implantação, havia uma capoeira com cerca de 2 metros de altura.

Na implantação da área derrubou-se e enfileirou-se a capoeira, plantou-se espécies de ciclo curto como milho, tomate, inhame e árvores como banana, jaca, palmeira real, juçara, entre outras. Foram identificadas 53 espécies arbustivas ou arbóreas na área, em uma densidade de 7.660 indivíduos/ha, dos quais 28,2 % são provenientes de regeneração natural, sendo o restante plantado. Foi estimado um estoque de 24,78 Mg C/ha na biomassa aérea, com incremento de 2,45 Mg C/ha/ano.

A outra Agrofloresta foi estudada com 11 anos de idade. O uso anterior da área era de agricultura de coivara com feijão e milho. Com o passar dos anos a produtividade passou a decair. Plantou-se, então, gramíneas para pastagem (capim centenário, napiê e braquiária). A braquiária acabou dominando a área. A agrofloresta foi iniciada com o plantio de uma grande variedade de hortaliças e lavouras anuais, como vagem, berinjela, abóbora, cana, tomate, jiló, rabanete, milho, quiabo e abobrinha, entre outras. O tomate foi implantado em larga escala. Foram também plantadas banana, juçara e outras árvores. As bananeiras foram adubadas fortemente com esterco e adubo foliar orgânico (supermagro). A área foi constantemente enriquecida com mudas de espécies variadas. Atualmente, 71,3 % dos indivíduos que ocorrem na área são provenientes de plantio. 52,4 % dos indivíduos são de espécies nativas. Foram identificadas 63 espécies arbustivas ou arbóreas, em uma densidade média de 7.800 planta/ha. Estimou-se o estoque de carbono na biomassa aérea em 30,66 Mg C/ha, sendo a taxa de incremento de 2,78 Mg C/ha/ano.

Agrofloresta: alimentação farta e saudável

Família Rodrigues
Comunidade Quilombola Terra Seca e
Ribeirão Grande, Barra do Turvo-SP

*Pra quem tem fome, Deus é pão.
(Mahatma Gandhi)*

Doliria Rodrigues de Paula Reis é neta de Miguel Pontes, fundador do quilombo Terra Seca e Ribeirão Grande. Por volta de 1980 ela casou com Dalcide Marques dos Reis e continua morando no terreno da família. Doliria lembra dessa época que:

A gente fazia roça tradicional... de roça e queima... comia feijão, mandioca. Arroz... Foi até que um dia a gente participou de uma palestra do Nelson. Lá ele ensinou que fazer agrofloresta é ajudar a Deus cuidar do mundo e entramos na Cooperafloresta...

Hoje a gente continua comendo arroz, feijão, mais um monte de outras coisas... palmito juçara, palmito pupunha, fruta de pupunha, fruta de juçara, verdura, arroz, feijão, mandioca, inhame, abóbora, banana, mamão, cebola, alho, chuchu, abacate, laranja, cajá-mirin, cajá-manga, jaca, cabeludinha, graviola, uvaia, café, ameixa, limão, fruta do conde, carambola, jabuticaba, gengibre, açafrão, batata, milho, bacupari carne de frango, de porco, de boi... nossa! é tanta coisa....

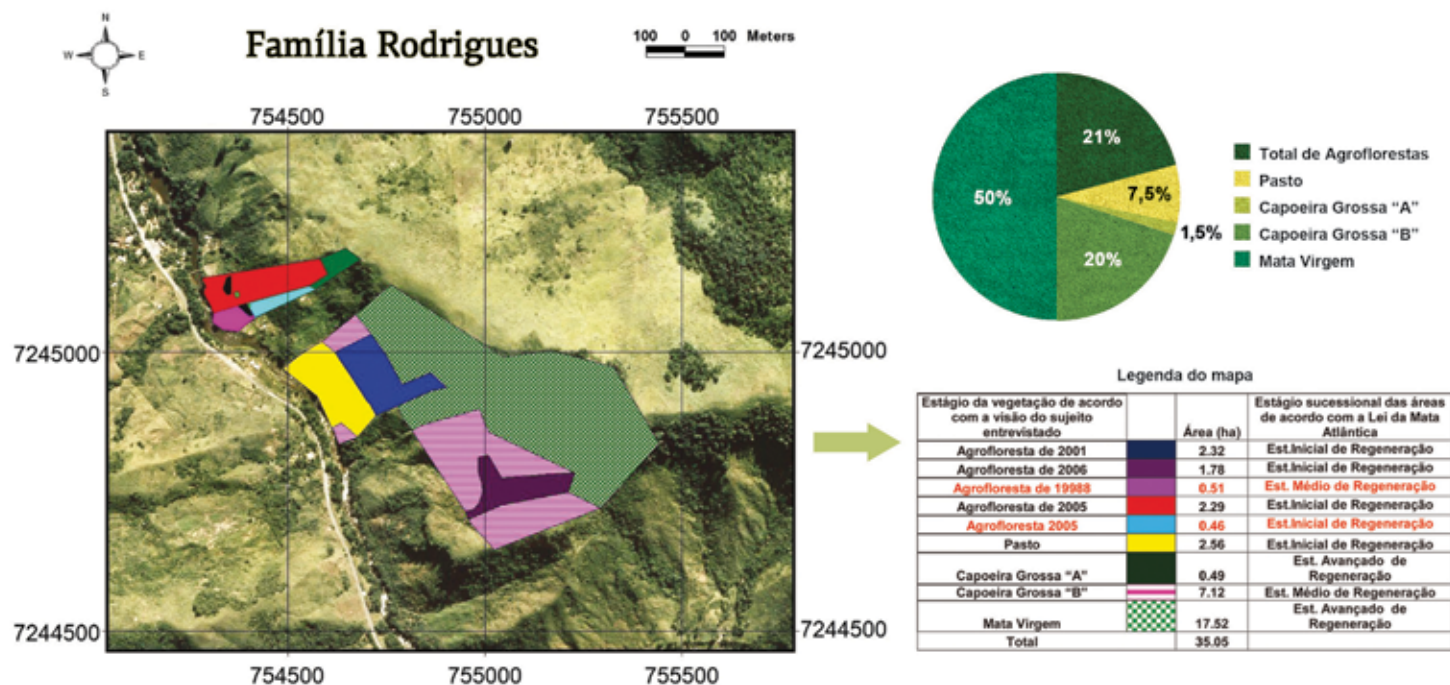


A gente aprendeu plantar e preparar muita coisa. Muita diversidade de alimento... palmito e frutas de juçara e pupunha, gengibre, açafrão, verdura, arroz, feijão, mandioca, inhame, abobora, banana, mamão, chuchu, abacate, laranja, cajá-mirim, cajá-manga, jaca, cabeludinha, graviola, uvaia, fruta do conde, carambola, jabuticaba, milho, bacupari... nossa é tanta coisa que não cabe numa página dessas... (Doliria Rodrigues)

Hoje a gente colhe de tudo... E tudo que a gente colhe a gente vende... O que a gente não vende de colher não se perde... o passarinho come... os bichinhos da terra comem... (Doliria Rodrigues)

Fazer Agrofloresta é conhecer a si mesmo... Através desse serviço, encontrei minha função nesse mundo. (Luciano Rodrigues)





Nesta família houve duas áreas estudadas. A primeira foi uma Agrofloresta com 12 anos de idade.

Anteriormente, a área era uma capoeira que foi queimada para o plantio de arroz, feijão e cana. Posteriormente, a área se transformou em uma monocultura de banana até 1999, quando a família inicia seus trabalhos na Cooperafloresta. No início do manejo foram plantadas junto às bananeiras mudas e sementes de juçara, cajá-mirim, eucalipto, pupunha, abacate, araucária e laranja, entre outras. Foram identificadas 59 espécies arbustivas ou arbóreas nesta agrofloresta, em uma densidade de aproximadamente 8.000 indivíduos/ha. 71,1 % dos indivíduos são provenientes de plantio e 49,4 % dos indivíduos são de espécies nativas. O estoque de carbono na biomassa aérea foi estimado em 43,97 Mg C/ha, sendo a taxa de incremento de 3,66 Mg C/ha/ano.

A outra Agrofloresta avaliada tinha cinco anos de idade. Em 2006, a área era coberta por uma capoeira com cerca de 6 metros de altura. A capoeira foi derrubada e plantou-se milho, inhame, mandioca, abóbora, banana, pupunha, juçara e abacate. Esta agrofloresta apresenta um estoque de carbono na biomassa aérea de 17,08 Mg C/ha, e uma taxa de incremento de 3,41 Mg C /ha/ano. Nesta agrofloresta, 53,8 % dos indivíduos são de espécies nativas. Dentre todos os indivíduos da área, 54,7 % foram plantados. Foram identificadas 46 espécies arbóreas ou arbustivas, em uma densidade média de 8.500 indivíduos/ha.

Local de águas cristalinas, gentes unidas e agroflorestas abundantes

Família Boaventura
Quilombo Areia Branca
Barra do Turvo-SP e Bocaiúva do Sul-PR

“O mais importante e bonito do mundo é isto. Que as pessoas não estão sempre iguais. Ainda não foram terminadas.” Guimarães Rosa

Adenilson Gonçalves Batista “Deno”, agricultor e técnico da Coopera-floresta, nos conta uma breve história da comunidade, com a ajuda da D. Maria, Seu Ari e Seu Afonso:

Na lembrança coletiva da comunidade, descrevem que somos descendentes de Francisco Boaventura da Rosa, negro pego a laço, que passou a ser escravo de um criador de porcos, onde colocou em prática seus conhecimentos herdados de seus antepassados, como a arte de trabalhar a madeira na construção de canoas, monjolos, cochos e outros artefatos de madeira. Casou-se com uma índia, descobriu uma bela cachoeira em Pinhalzinho, numa terra onde se estabeleceu e criou família. Então, vieram os interessados na cachoeira (usineiros) e precisaram tirar ele de lá, então propuseram de comprar um pedaço aqui. Dando origem a uma comunidade que daí pra cá ficou conhecida como Areia Branca. Nome inspirado no ribeirão que corta o pequeno vale, devido a sua água límpida e cristalina que em horas do meio dia, quando o sol paira sobre o arco do firmamento, seus raios refletem sobre as águas e as areias dando um tom brilhante.

O Vô Tonico, ainda vivo, nasceu em 1921, é seu neto. Durante muitos anos esta comunidade sobreviveu de suas lavouras tradicionais, mantendo tradições e costumes que eram passados de pai para filho, de geração em geração, sendo preservadas por séculos até os dias de hoje. Mas foram tempos muito difíceis, criávamos porcos que eram levados à pé pelas trilhas no meio do mato até Apiaí. Com a entrada das granjas de porcos brancos no mercado, o preço foi caindo, não dava mais.

Seu Afonso: Plantamos feijão, foi bem durante um tempo, com a concorrência do plantio mecanizado, não deu pra continuar também, tentamos banana, maracujá e outras culturas, quando produzia bem, não tinha preço, ou então não dava para transportar, perdia tudo. As coisas estavam difíceis, e ainda a polícia florestal começou a ameaçar dizendo que praticávamos crime ambiental (hoje até eles estão concordando com nosso trabalho). O pessoal começou a bandear pra fora, trabalhar em fazenda por empreita, ir pra Curitiba.

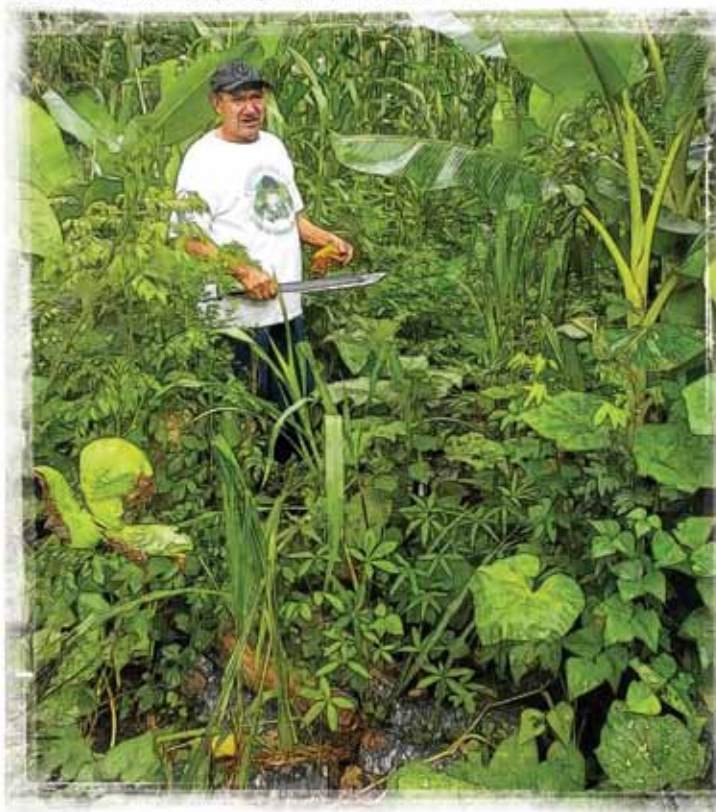
Seu Ari: Eu mesmo saí e fiquei 3 anos em Curitiba, fui experimentar as coisas lá, mas não deu certo, porque o meu lugar era no sítio mesmo.

A gente vinha de antes estudando como fazer uma mudança para não sair daqui e ter que vender as terras da família, e a mudança que deu certo foi essa, a agrofloresta. Em 2002 nós fomos convidados pra entrar na Coopera. Até o Nelson fez uma reunião conosco, mas a gente não chegou

a reconhecer o valor que tinha o trabalho e nós não concordamos. Daí em 2006 o Nelson tornou a convidar, ele e o Claudinei que já estava na Coopera.

Dona Maria: Nesse dia que visitamos a roça do Sidinei, eu me encantei com aquele trabalho, com a beleza das plantações, das nativas que nós nem ouvia falar em nativa, a gente ouvia falar em mato. Daí desde esse primeiro encontro, cada vez mais estamos aprofundando e levando os conhecimentos pra mais pessoas. A gente cuidar para termos uma mesa farda, cheia de alimentos gostosos, sem veneno.

Na medida em que as famílias trabalhavam e a cada dia descobrindo mais, a comunidade passou a ter uma renda melhor. Podíamos produzir, vinha sempre o caminhãozinho da coopera pra buscar e comercializar.



Seu Ari: Agora somos 18 famílias, com 15 famílias fazendo agrofloresta, somente 3 não fazem. Daquele grupinho que começou de 6 famílias, com um ano nós já estávamos dedicados a fazer agrofloresta firme. Depois começaram a aparecer os agentes multiplicadores que eram agricultores de outras comunidades que ajudavam na implantação de agroflorestas. E nós, graças a Deus, estamos cada vez melhor! Hoje a minha família já está tudo dentro do projeto, tudo trabalhando, eu acho que aqui tem mais tendência de crescer do que diminuir. Os parentes que estão em Curitiba estão tudo decidido a voltar pra cá, lugar de muita harmonia e união.

Deno: Em meio a essa melhoria, juntamente com os técnicos e outras comunidades, optamos por buscar novas técnicas que viessem a otimizar a produção e em paralelo a isso uma busca por melhores formas de trabalho. Sendo assim, veio até nós uma nova técnica, uma técnica de resultado de experimentos e tentativas que vem sendo implantada ao longo dos anos em diversos lugares. O resultado se deu nos canteiros agroflorestais sucessionais baseado nas formas da natureza e seus extratos, um modelo de super luxo para as plantas oferecendo um desenvolvimento para a planta, onde cada espécie necessita da outra pra garantir seu lugar ou extrato em meio as demais.

Quando o Osvaldo veio com essa ideia diferente, ele dizia que ia bater num botão só, até o pessoal pegar o jeito. E ninguém acreditava. A ideia era madeira e plantar capim. Imagina, a vida inteira o pessoal querendo acabar com o capim, agora plantar capim, foi choque. Isso foi há dois anos.

Seu Afonso: Até se destacou muito o nome do Jacson, porque foi quem fez uma roça primeiro, plantou capim bem fechado e mostrou que dá pra plantar capim e dominar o mato e não vir mais mato. A Areia Branca é que estava se esforçando mais, pode ver que várias outras comunidades ainda não têm muitas áreas trabalhadas. Agora com o Jacson e o Adilson traba-

lhando e incentivando, eles já estão fazendo.

Dona Maria: Agora nós sempre que vai abrir uma área o capim vai na rente, os tocos de madeira, a gente já vai preparando e fazendo sempre nesse mesmo sistema. Já não consegue mais fazer o estilo passado.

Deno: Percebendo o desempenho das plantas nos primeiros canteiros reutilizados, o modelo foi aceito, aprovado e reproduzido por todo o grupo, alguns mais e alguns menos, mas sendo praticado em toda comunidade, com grande esforço e empenho.



Nosso lugar é dificultoso, mas lá é tudo verde, tudo cheio de água, mas nos cuidamos, em vez de nós tirar nós pomos mais árvores, porque nós temos que cuidar da natureza, não sabemos o dia de amanhã. (D. Maria)



Todo ano fazemos uma festinha na igreja de São Sebastião, tradição do Boaventura, desde que ele chegou. Isso já tem mais de 100 anos e todos que saíram daqui não se esquecem de vir pra festa. (Afonso)



Seu Tônico e o bisneto Gabriel.



Então do nosso trabalho, o que eu tenho mais a agradecer é em primeiro lugar a Deus e em segundo aos técnicos que ajudaram nós acreditar que a Coopera dava certo. O Nelson e a Lucilene foram como anjos pra nós, o Claudinei e o Sidinei a gente reconhece muito a ajuda que eles deram pra nós. (Ari)



Uma das muitas coisas que incentivou foi o caminhão, desde as primeiras vezes que nós começamos a tirar produtos o caminhão nunca faltou, toda a semana vindo buscar. Então os outros viram que as coisas estavam dando certo. (Afonso)



Aqui tem uma coisa importante que é a união da família, que trabalha sempre unida, chega a hora de fazer um mutirão, todos estão juntos. E não só o trabalho da roça, mas como qualquer outro serviço, se precisar, todo mundo acompanha. (Ari)



Nesses 2 anos do novo sistema, o manejo ficou mais fácil. Antes a gente fazia uma capina seletiva a cada 3 meses, hoje a cada 5 meses, só cortar com facão e jogar em cima. No sistema antigo, na hora de roçar demorava muito porque tinha que ficar prestando atenção e mesmo assim, acabava cortando planta que não devia. Hoje tudo arrumado, com as madeiras que você pode

pisar em cima fica muito mais fácil e rápido cortar certo. Uma mandioca e inhame na terra macia fica muito mais fácil de arrancar, tem mais plantas produzindo em menos área, com menos manejo. É muito mais variedade de produto bonito pra vender na feira e pra nossa mesa. A renda aumentou, tá todo mundo feliz.

O novo sistema



Os canteiros tem mais ou menos 1 metro de largura, você afoga a terra, traz a terra preta da superfície para o meio. Cobre com tocos de madeira ou bananeira, que vão apodrecer, adubando e protegendo a terra. Tem que deixar aberto no meio uma linha principal de 10 a 20 cm de largura, com a terra preta e serrapilheira, que é onde se planta. A cada metro (tem gente que faz com meio), fazemos um berço que é um buraco pra colocar as mudas, incorpora a melhor terra, se precisar coloca calcário e esterco. E tem todo um desenho de como plantar, pensando na sucessão, o que cresce primeiro pra colher, o que ajuda outras plantas a crescerem, a planta que vai ficar e a que vai sair quando o tempo passa, pra que a agrofloresta vá crescendo e a gente

sempre alguma coisa pra colher. Ai planta uma laranjeira, 1m depois, ingá, depois eucalipto por exemplo, que cresce rápido e você pode usar pra podar folhas e galhos pra enriquecer a terra, mais 1m, mogno, de crescimento lento, depois uma pupunha. Em cada metro vai ter uma árvore, fruta, uma banana, 2 manivas de mandioca, no pé dessas manivas vai semente de café, jabuticaba e juçara, 2 inhames plantados, 2 gengibres, pode colocar 3 sementes de milho, no outro metro quiabo, girassol ou pimentão, tomatinho cereja, tomate, berinjela e jiló. O que vai colher primeiro são as hortaliças, que podem até ficar fora da linha, entre um toco e outro. (Adilson)



Sobre a Cooperafloresta

As 112 famílias da Cooperafloresta manejam mais de 300 espécies de plantas, fazendo agrofloresta, regenerando florestas e a biodiversidade local da Mata Atlântica, através de 1.100 ha de sistemas agroflorestais, sendo 240 ha de agroflorestas mais intensivamente manejadas e outros 860 ha de manejo mais extensivo, onde predomina a ação do processo natural de regeneração florestal. Os sistemas agroflorestais geram uma grande fartura de alimentos com elevada produtividade, com grande diversidade de espécies como: banana, juçara, pupunha, café, abacaxi, abacate, goiaba, fruta do conde, graviola, jaca, jabuticaba, citros diversos, lichia, cajás, bacupari, tamarindo, carambola, pera, pêssago, cupuaçu, cacau, caju pitanga, jambo, jambolão, araquá, jenipapo, além de hortaliças, raízes e tubérculos.

A produção anual totaliza aproximadamente 1.000 toneladas de produtos agroflorestais, sendo 25% destinado ao consumo das famílias e 75% à comercialização.



Sobre o Projeto Agroflorestar

O Projeto **Agroflorestar: co-operando com a Natureza** foi selecionado no Edital 2010 do Programa Petrobras Ambiental. Iniciou em dezembro de 2010, sendo fruto de uma articulação entre a Cooperafloresta e organizações governamentais e não governamentais que vêm edificando uma parceria consistente em torno das questões socioambientais, particularmente na construção da proposta agroflorestal no Vale do Ribeira, Litoral do Paraná e em assentamentos de Reforma Agrária do Movimento dos Trabalhadores Rurais em Terra (MST) em São Paulo e no Paraná.

O projeto objetiva promover a recuperação e conservação dos recursos naturais, com foco na fixação de carbono e emissões evitadas, através do aprimoramento e ampliação da prática agroflorestal junto à agricultura familiar, comunidades quilombolas e assentamentos gerando referenciais técnicos e metodológicos, socializando e multiplicando os conhecimentos e experiências construídos através de atividades de formação, capacitação, intercâmbios e educação ambiental. Foram implementadas ações para formação e capacitação enfocando a agrofloresta, gestão dos recursos naturais e adequação ambiental; assessoria técnica e fomento à produção de produtos agroflorestais; pesquisa e geração de indicadores e metodologia de fixação de carbono; educação ambiental e estímulo ao consumo consciente e responsável.

O Projeto **Agroflorestar** encerrou-se em dezembro de 2012, tendo contribuído de forma muito expressiva para a qualificação e multiplicação da prática agroflorestal, fortalecimento organizações envolvidas e recuperação e conservação dos recursos naturais.



Realização



Patrocínio

